

## ARTIFICIOSOS E VERDADEIROS: LEITORES E PRÁTICAS DE LEITURA EM DOM QUIXOTE DE LA MANCHA.

*Álvaro de Araújo Antunes.<sup>1</sup>*

---

**Resumo.** O artigo analisa a obra “Dom Quixote de la Mancha”, escrita por Miguel de Cervantes Saavedra. Seu objetivo é esquadrihar as práticas de leitura e os leitores representados na obra de Cervantes. Neste sentido, nós podemos considerar sua obra como inspirada pelas relações possíveis do autor com seu tempo. Assim, em Dom Quixote, estariam urdidos fios de realidade e de imaginação. A engenhosa obra seria, a um só tempo, artificiosa e verdadeira. Tal concepção da obra traz à tona a questão das mediações entre a história e a literatura, sobre a qual o artigo desenvolve algumas considerações. O texto transita, portanto, pelas interfaces da história e da literatura, buscando resgatar algumas das práticas de leitura e os leitores representados na obra de Cervantes.

**Palavras-chave:** Mediações entre história e literatura, leitores, práticas de leitura

## INGENIOUS AND TRUE: READERS AND READING PRACTICES IN *DON QUIXOTE DE LA MANCHA*.

**Abstract.** This article analyses Miguel de Cervantes’s work Don Quixote de la Mancha. Our aim is to look into the reading practices and readers portrayed in Cervantes’s book. We thus consider his work as a product of the possible relations between the author and his epoch. We argue that Don Quixote interweaves reality and imagination and that it is at once ingenious and true. Such conception brings about the issue of the mediations between history and literature, about which the article makes some considerations. This text is therefore built on the interfaces between history and literature and seeks to retrieve some reading practices and readers found in Cervantes’s work.

**Key words:** Mediations between history and literature, readers, reading practice

---

Saboreamos nós agora, nesta idade tão falta de passatempos alegres, a doçura de estarmos lendo a sua verdadeira história e os contos que nela se travam com episódios; estes em boa parte não são menos agradáveis, artificiosos e verdadeiros que a história mesma. (SAAVEDRA, 1981, p. 162.)

---

<sup>1</sup> Doutorando em História – Departamento de pós-graduação em História -UNICAMP – Bolsista da Fapesp. E-mail: alvaroantunesbr@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO.

“Desocupado leitor”! Com essa evocação, Miguel Saavedra de Cervantes iniciava sua obra mais notável, *O Engenboso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. (SAAVEDRA, 1981) O autor dirigia-se aos leitores de um tempo, aos leitores dos reinos espanhóis do início do século XVII, os quais poderiam, entre outras possibilidades, tanto compartilhar com a crítica encarniçada dos romances de cavalaria, como simplesmente se dedicar à prática frugal e divertida da leitura da obra de Cervantes. Nunca saberemos ao certo quantas leituras a obra suscitou ao longo dos anos, pelas fronteiras do mundo, pelas mediações das línguas...

Não foi sem razão que o presente texto iniciou com o mesmo artifício usado por Cervantes. A evocação serve de ensejo para exemplificar a variedade de leituras que a obra de Cervantes pôde e pode suscitar. Aos leitores hodiernos o título de “desocupado” pode causar certo estranhamento, se considerado o ritmo destes “tempos modernos”. A óbvia conclusão a que essa sensação de estranhamento pode levar é de que os leitores de ontem não são os mesmos de hoje. Ser desocupado, à época em que foi escrito *Dom Quixote*, era qualidade de uma fidalguia que possuía conhecimento das letras e condições para se dedicar à leitura.

Não quero com essa colocação limitar todos leitores seiscentistas de Cervantes à condição de fidalgos, mesmo porque o autor se dirigia a um tipo, dentre outros, de leitor em potencial. O número e a pluralidade de leituras que a obra de Cervantes suscitou será sempre uma incógnita. Diante desta constatação, gostaria apenas de apontar para algumas possibilidades que as obras literárias, na singeleza dos detalhes, oferecem à investigação das práticas de leitura. Detalhes como a ocasião em que o autor se dirige a um leitor ideal chamando-o de “desocupado”. Nessa trilha, o presente artigo almeja tratar, sucintamente, das práticas de leitura e dos leitores personificados na obra *Dom Quixote de La Mancha*.

A tarefa proposta não é de fácil execução. A investigação das práticas da leitura esbarra em obstáculos que são próprios do objeto. A prática de atribuição de sentido aos signos gráficos não é uma atividade que deixa rastros evidentes. Por vezes, a maneira pela qual se podem desvelar as práticas de leitura é através de uns poucos resquícios, tais como os comentários, as anotações ao longo da página, ou mesmo o relato generoso de um leitor apaixonado.<sup>2</sup> Devido às dificuldades em acompanhar os rastros desta atividade, nenhum indício pode ser menosprezado ou ignorado.

---

<sup>2</sup> Faço, aqui, uma alusão ao leitor das obras de Rousseau tratado por Robert de Darnton. (DARNTON, 1996, p. 143-175.)

Na busca desses rastros, o presente artigo pretende investigar as leituras em uma área de geografia meio acidentada, qual seja a configurada pelas mediações entre a história e a literatura.<sup>3</sup> Investigarei os leitores e as formas de leitura representados na “artificiosa e verdadeira” obra de Cervantes. E, considerando a riqueza de *Dom Quixote*, é impossível deixar de reconhecer que: “siempre será problema saber qué decir y qué silenciar acerca de Cervantes [...]”. (CASTRO, 1974, p. 52.)

Não é simples trabalhar com a obra de Cervantes. Trata-se de um manancial rico, sem dúvida, como dá prova a imensa rede de estudos que dele efluem. Um copioso conjunto de especialistas, das mais variadas áreas, das mais variadas épocas, escreveu um sem-número de estudos que, se eu tivesse por intenção contemplar a todos, teria uma tarefa para uma vida. Ademais, quem sabe ao final dessa tarefa, na melhor das hipóteses, não teria feito mais do que Pierre Menard, me dedicando a “traduzir ou ler” um ou outro capítulo de *Dom Quixote*. (BORGES, 1974 e LARROSA, 1999, p. 125.) Não obstante, é claro que minha leitura de *Quixote* é perpassada por alguns dos estudos aludidos, uma pequena parcela que, nem de longe, se assemelha aos mais de cem livros que teria lido Alonso Quijana. Assim, reconhecendo meus limites diante de *Dom Quixote*, pretendo fazer apenas um ensaio de algumas possibilidades que essa obra literária pode oferecer à pesquisa das práticas de leitura.

## 1 – Mediações

Dos que as gentes dizem  
Que vão às aventuras.<sup>4</sup>

Cervantes, pela boca do historiador Cide Hamete Benengeli, classifica boa parte dos episódios vividos por Quixote como sendo artificiosos e verdadeiros, tanto quanto seria a história mesma. A história, que se dedicava a relatar os feitos dos grandes homens, não pareceria tão distinta das aventuras narradas pelo sábio e atento historiador Benengeli. Propositadamente ou não, Cervantes acaba por tocar na questão das mediações entre história e literatura. Uma questão extensamente debatida pelos historiadores atuais, mas que remonta a tempos bem pretéritos.

---

<sup>3</sup> Sobre as mediações entre história e literatura, ver, entre outros autores: AGUIAR 1997. AUERBACH, 1976. CERTEAU, 1982. BARTHES, 1963.

<sup>4</sup> Conforme nota ao capítulo IX de *Dom Quixote* o trecho é extraído dos Versos de Alvar Gomes em sua tradução de Petrarca. (SAAVEDRA. *Dom Quixote de la Mancha*, p. 59).

O ponto de partida para a investigação da mediação entre a história e a literatura pode ser fixado em um passado distante. Poderíamos erigir como marco inaugural a *Arte da História*, escrita por Luciano, ou a *Poética* de Aristóteles, ou ainda a obra de Tucídides. (BURKE, 1997. e GAGNEBIN, 1977) As raízes da questão poderiam ser localizadas nesse passado remoto, mas, segundo Peter Burke, foi no século XX que a discussão sobre as relações entre a história e a literatura mostrou-se mais candente e as fronteiras mais fluidas.<sup>5</sup> Consonante à idéia de Burke, Carlo Ginzburg observou, adotando uma perspectiva processual, que “a fronteira entre a ficção e os discursos históricos torna-se cada vez mais turva”. (GINZBURG, 1991, p. 92) Neste sentido, um fator de aproximação entre história e literatura foi, sem dúvida, o uso da narrativa.

Partindo da perspectiva de Lawrence Stone, podemos considerar que a aproximação entre a literatura e a história no século XX se dá pela retomada do uso da narrativa na constituição do discurso histórico. Tratar-se-ia de uma retomada, pois, segundo o autor, em meados do século XX, a narrativa — entendida pelo autor como “a organização de materiais numa ordem de seqüência cronológica e a concentração do conteúdo numa única estória coerente, embora possuindo subtramas” — teria sido abandonada e associada à história dita “*évenementielle*”. O que se pretendia, então, era uma “história científica”, que objetivava explicar o real por meio de modelos, cuja forma de análise privilegiaria o método quantitativo e a exposição dos resultados seria de forma essencialmente analítica, em detrimento da descritiva.

O ressurgimento da narrativa, por sua vez, seria tributário da “desilusão generalizada como o modelo determinista econômico de explicação histórica”. Iniciava-se, assim, um processo norteado pela busca por uma história com “uma face mais humana, em reação contra a macro-história, a história quantitativa e o determinismo”. (BURKE, 1997, p. 114) José Murilo de Carvalho, em concordância com as idéias de Lawrence Stone, observa que este regresso à narrativa é tributário de uma história que pretende estudar os homens em circunstância, ao invés de uma investigação centrada nas circunstâncias dos homens. A forma de escrita narrativa seria o instrumento mais apropriado para uma abordagem que privilegiasse o indivíduo e que tivesse as explicações assentadas em uma gama mais diversificada de causas. (HARTOG, 1998. e CARVALHO, 1997.) Tal deslocamento, para o autor, ainda que apresentasse algumas armadilhas à investigação histórica, traria certos benefícios à cidadania, uma vez que conceberia o ser humano como agente da história, atuante frente às circunstâncias e não como fantoche das

---

<sup>5</sup> Segundo Peter Burke foi apenas no século XX “que a fronteira entre história e ficção se reabriu, como a fronteira entre a Alemanha Ocidental e Oriental” (BURKE, 1997, p.112).

mesmas.

François Hartog, no texto *A Arte da Narrativa Histórica*, também considera que a chamada “história-narrativa” confere um maior destaque aos indivíduos e aos acontecimentos. Porém, ao contrário de Stone, o autor não considera que uso da narrativa na história se restrinja aos casos em que os indivíduos e os acontecimentos são evidenciados. Hartog, espelhando-se em Paul Ricoeur, acredita que a história, mesmo aquela voltada para o estudo das estruturas, sempre fez uso da narração, ainda que de forma eclipsada.<sup>6</sup> A história, para Hartog, seria uma narrativa entre outras, e, assim sendo, não haveria precisamente um “regresso” da narrativa ao campo da história, como supunham Stone e outros.

Como se pode observar, as mediações entre história e literatura podem ser descritas como um terreno de geografia indefinida, de fronteiras turvas e terras um tanto quanto pantanosas, como dão a ver as opiniões controversas sobre o uso da narrativa no discurso histórico. Se nos embrenharmos ainda mais neste terreno, poderemos nos deparar com questões ainda mais controversas, como a da natureza da verdade e da objetividade histórica. Aprofundarmos nestas questões seria desmesurado para os limites e objetivos deste artigo; contudo, vale observar, à luz de Paul Veyne, que na investigação histórica não há como se desvencilhar da subjetividade. A subjetividade marcaria tanto a literatura como a leitura que o historiador faz do passado, na qual a imaginação é usada como ferramenta na interpretação dos indícios históricos (GINZBURG, 1989).

Essa imaginação, contudo, não advém e nem cresce do nada. O historiador tem por norte sua fonte, sua documentação, a partir da qual desenreda as relações do homem com seu tempo. É o historiador também um homem em seu tempo, e a leitura que faz do passado é marcada, de forma indelével, pelas relações que estabeleceu em seu próprio tempo.<sup>7</sup>

Do mesmo modo, o escritor, ao redigir sua obra literária, não a constrói sobre o vazio, desvencilhando-se de qualquer relação com seu tempo, que pode, por exemplo, inspirá-lo em sua criação. Na realidade, a noção de que exista uma relação entre o autor e seu tempo foi considerada por vários dos literatos e historiadores que trataram ou fizeram uso da obra *Dom Quixote de la Mancha*.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> De acordo com Hartog, “Paul Ricoeur, leitor de *La Méditerranée* de Braudel, não encontrou dificuldade em fazer aparecer no livro, com seus três estágios voluntariamente distintos, a trama da narrativa.” (HARTOG, 1998, p. 200)

<sup>7</sup> “Sem dúvida a história é nosso mito. Ela combina o pensável e a origem, de acordo com o modo através do qual uma sociedade se compreende” (CERTEAU, 1982, p. 32-33).

<sup>8</sup> Um bom exemplo do uso de fontes literárias pode ser encontrado no conhecido trabalho de Natalie Zemon Daives sobre a aventura que viveu Bertrande de Rols e Martin Guerre. Nas

Américo Castro, preocupado em estudar os cristãos na Espanha, tomou a obra *Dom Quixote* como amparo para seus argumentos. Reconhecendo *Dom Quixote* como a obra de um cristão novo, Castro passa em revista a história religiosa da Espanha, dando especial atenção aos cristãos recém-conversos. É o caso do personagem cervantino Ricote, que trazia consigo um “trozo de jamón, magro u óseo”, como marca e prova de sua cristandade. A situação de Ricote não estaria, portanto, desassociada da realidade religiosa na Espanha do início do século XVII. Neste sentido, Castro considera que Cervantes sabia traduzir muito bem o mundo espanhol; um mundo “vario y conflictivo: señores, letrados, soldados valientes unos y fanfarones otros, eclesiásticos, inquisidores que no aparecen, pero están ahí, cristianos viejos y nuevos, escritores, vulgo ciudadano y campesino [...]”. Assim, em *Dom Quixote*, existiria tanto um “extramundo de la fantasia” como o mundo contemplado por Cervantes, pois:

um texto literario es siempre forma de muy varias materias, se funda en un pre-texto, existe en un con-texto en conexión con un circun-texto. Claro es, sin embargo, que la unidad en todo ello se integra es la de la obra literaria, artisticamente absoluta y sólo reductible a ella misma (CASTRO, 1974, p. 130).

De acordo com Castro, Cervantes tecia sua obra não somente com fios de imaginação, mas também com fibras de realidade, fazendo referências a situações, objetos e pessoas reais.

O historiador Henry Kamen, que se propõe a investigar a atuação da Inquisição na Espanha, também faz menção à obra de Cervantes. Observa o autor que a Inquisição, em momentos distintos, promoveu a conversão e expulsão dos mouros e judeus. Estes últimos, especificamente, teriam se tornado rivais dos católicos na luta pelo poder, uma vez que tinham adquirido um considerável, se não invejável, cabedal financeiro com o recolhimento de impostos. Este seria o motivo que levou à expulsão dos judeus do reino espanhol, que, em consequência, teria perdido uma “classe dinâmica”, vital para a economia de uma “sociedade pré-capitalista”, segundo avalia o autor. A bem da verdade, dentro desta análise, a obra de Cervantes aparece em um papel secundário, restrita às epígrafes e às sutis referências quanto à questão da linhagem na Espanha seiscentista.<sup>9</sup> Não obstante o seu uso restrito, *Dom*

---

palavras da autora, “examinamos as fontes literárias – peças teatrais, poemas líricos e contos – que, quaisquer que sejam suas relações com a vida real dos indivíduos, mostram-nos os sentimentos e as reações que os autores consideravam plausíveis num determinado período” (DAIVES, 1987, p. 18).

<sup>9</sup> Como exemplo, tem-se a colocação: “En tiempos de Felipe IV, el escritor Saavedra Fajardo

*Quixote* é entendido por Kamen como um registro de uma época, ainda que o expediente de usar uma obra literária como fonte não seja questionado, o que, por seu turno, é melhor tratado por Pierre Vilar.

Pierre Vilar empreende uma análise da economia e da história espanhola baseado em esquemas etapistas. Neste sentido, Vilar acredita que Dom Quixote, assim como Charles Chaplin, traduziria um momento de ruptura entre estágios distintos de evolução. Dentro desse raciocínio, o autor destaca na obra de Cervantes, entre outros aspectos, o questionamento de valores feudais como os da cavalaria. Além da capacidade de decodificar o momento de crise pelo qual passaria a Espanha, Cervantes legaria aos seus leitores hodiernos vestígios do cotidiano e da realidade espanhola seiscentista. Ilustrativo deste aspecto é o episódio, mencionado por Vilar, em que Dom Quixote deixa transparecer sua simpatia pelos bandoleiros. Quanto a este episódio, Vilar questiona se esta simpatia seria apenas fruto da imaginação criadora do autor. Vilar pergunta-se: “Trata-se apenas de um conto?”. A resposta do historiador é categórica: “Não, é a exata realidade”. (VILAR, 1974, p. 336.) Em resumo, Vilar considera que, em *Dom Quixote*, é possível encontrar a ação criadora misturada aos fragmentos da história e do cotidiano espanhol.

Nesta engenhosa mistura de fato e imaginação criadora, a sensação de incerteza é uma constante. Afinal,

o que se passa, na verdade, é que D. Quixote nunca deixa de transitar numa tênue fronteira que convoca dúvidas: verdade ou verossimilhança? história ou poesia? imaginação ou realidade? Ao que tudo indica, a qualquer momento um de nós, os leitores, poderá reeditar o dilaceramento do herói: estalagem ou castelo? Gigantes ou moinhos?[...]” (MATOS, 1979, p. 148.).

A obra *Dom Quixote* é um pouco de tudo, nem bacia, nem elmo de Mambrino, mas “baci-elmo“. O nigromante e historiador Cide Hamete Benegeli, escritor arábico através de quem Cervantes se enuncia, descrito como “muito curioso e pontual em todas as coisas”, narra as aventuras do Fidalgo Dom Quixote de la Mancha e compõe uma obra que é, a um só tempo, “artificial e verdadeira”. (SAAVEDRA, 1981, p. 89 e 162.)

O conjunto dos autores citados não constitui uma simples perífrase, que poderia pecar pela falta de objetividade, mas visa estabelecer elementos sobre os quais se estabelece uma justificativa para a escolha do objeto e para a natureza da abordagem adotada no presente artigo. Nos autores citados é

---

observó que la distinción entre nobleza y gente común era menos marcada na España que en Alemania” (KAMEN, 1973, p.21.).

possível distinguir elementos de similitude e divergência, alguns dos quais apontados ligeiramente ao longo do texto. Um ponto específico de concordância, entretanto, deve ser ressaltado, pois é de importância para a estrutura argumentativa. Guardadas as devidas particularidades, observa-se que os estudiosos mencionados fazem uso da obra de Cervantes e, em sua maioria, associam-na à época em que foi produzida. Para eles, *Dom Quixote de la Mancha* é fruto não só da imaginação, mas da relação do autor com seu tempo, do qual soube captar e filtrar parcela do real e do cotidiano da Espanha. É partindo desta premissa que abordaremos algumas das práticas de leitura que eram apresentadas pelos personagens e situações de *Dom Quixote de la Mancha*.

## 2- Leitores, Leituras.

Como se mirassem um espelho, os leitores de *Dom Quixote* se deparam com outros leitores refletidos nas páginas da obra de Cervantes. Um jogo de imagens é criado por Cervantes, a tal ponto que, na segunda parte da obra, até mesmo Quixote e Sancho Pança encontraram-se com alguns dos leitores de suas aventuras. Encontraram-se, por exemplo, com uma duquesa de Villahermosa, que aproveita o ensejo para tirar as dúvidas surgidas com a leitura da primeira parte “da história do grande Dom Quixote, que anda impressa”.<sup>10</sup>

A duquesa representa um dos leitores de carne e osso de *Quixote* que, por efeito da engenhosidade de Cervantes, tornou-se personagem da obra. Neste exercício criativo, dois universos se fundem: o do leitor de carne e osso e o do leitor/personagem. Quanto ao universo do leitor de carne e osso, nosso acesso é limitado, pois não contamos com uma série documental — como relatos dos leitores de Cervantes — que permita contemplá-lo em sua riqueza, complexidade e variedade. Não obstante a falta desta documentação, podemos conjecturar, buscar pistas deste universo na própria obra, nas passagens onde brotam o tempo e as experiências de Cervantes.

Um bom começo para a empreitada de busca dos leitores de *Quixote* é tratar das *estratégias* que são concebidas pelo autor com o intuito de guiar os leitores na decodificação dos sinais gráficos e na atribuição de sentidos.<sup>11</sup> Tais estratégias são concebidas e direcionadas para um leitor ou grupo(s) de leitores que o autor imagina ou reconhece como seu público alvo.<sup>12</sup> Mas qual(is)

<sup>10</sup> Em nota, os duques são reconhecidos como Dom Carlos de Borja e Dona Maria Luísa de Aragão, duques de Villahermosa. Mais uma vez mostra-se tênue a fronteira entre o real e criação na obra de Cervantes (SAAVEDRA, 1981, p. 433 e 446).

<sup>11</sup> Segundo Certeau, a estratégia “postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio [o livro, por exemplo] e ser base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos [o leitor] ou ameaças” (CERTEAU, 1994, p. 99-100).

<sup>12</sup> A recuperação do “horizonte de expectativas” diante do qual foi criada e recebida uma obra,

seria(m) este(s) leitor(es)?

Logo no prólogo, Cervantes se dirige ao leitor chamando-o de desocupado e caríssimo. Naquele tempo, ser chamado de desocupado não consistia em ofensa. Ser desocupado era uma espécie de valor, de fidalguia. Ser desocupado permitia, entre outras coisas, que “passatempos nobres”, como a leitura, fossem cultivados. Afinal, como observou Bourdieu, a leitura e seu aprendizado dependem de “condições sociais de possibilidade das situações em que se lê (e imediatamente se percebe que um dessas condições é a *scholê*, a forma escolar do ócio, ou seja, o tempo de ler, o tempo de aprender a ler)[...]”. (BOURDIEU, 1990, p. 135.) Contudo, ao chamar seu leitor de desocupado, Cervantes não identifica necessariamente seu público como sendo formado exclusivamente por fidalgos. Talvez, com este elogio, Cervantes pretendesse simplesmente acomodar o leitor, dar-lhe as boas-vindas, começar a guiá-lo pelas linhas do livro.

Com tais elogios, mais que identificar o receptor de sua obra, Cervantes pretendia enaltecê-lo e aliciá-lo. Tencionando cativar seu leitor, Cervantes concedia certas liberdades. Como se dissesse “a casa é sua, fique à vontade”, Cervantes se dirigia ao leitor: “[diga da] obra tudo quanto te lembrares sem teres medo de que te caluniem pelo mal, nem que premiem pelo bem que dela disseres”. (SAAVEDRA, 1981, p. 12.) Entrementes, a liberdade concedida servia mais como uma espécie de cortesia. O autor revelaria a verdadeira atitude que esperava de seus “visitantes”, em títulos como: “Da saborosa prática que a duquesa e suas donzelas tiveram com Sancho Pança, digna de *que se leia e que se note*”, ou ainda, “Das coisas que diz Benegeli, que saberá quem as ler, se as *ler com atenção*” [grifos meus]. (SAAVEDRA, 1981, p. 426.) Cervantes esperava que a obra fosse lida com atenção, apreciada com vagar e dignificada com a notabilidade.

Ao compor sua obra, Cervantes não se eximia de dispor amarras e balizas que visavam controlar a leitura. Em determinados momentos da obra esta *estratégia* de guiar a leitura é nítida. No final de alguns capítulos, por exemplo, o autor promovia junções com o capítulo seguinte, o que contribuía para imprimir certo ritmo à leitura. Para citar um dentre os vários casos, no final do capítulo XXXI da segunda parte, lê-se: [...] com semblante irado e alvorotado rosto, pôs-se em pé e disse... Mas esta resposta merece capítulo especial”.

Em outras ocasiões, Cervantes brincava com o leitor criando suspenses: “deixamos na primeira parte o valente biscainho e o famoso Dom

---

possibilita chegar às perguntas a que respondeu, o que significa descobrir como o leitor da época *pode* [grifo meu] percebê-la e compreendê-la, recuperando o processo de comunicação que se instalou” (ZILBERMAN, 1989, p.36).

Quixote com as espadas altas e nuas, ameaçando descarregar dois furibundos fendentes[...]” (Saavedra, 1981, p. 59). No trecho, o autor retomava a narração, estrategicamente interrompida, da batalha entre Quixote e o biscainho. Com tal interrupção o autor ludibriava o leitor que aguardava apreensivo o desenlace dos acontecimentos, mas que teria sua curiosidade saciada somente mais adiante, com a descoberta de uns documentos que davam notícias desta e das demais aventuras do valente fidalgo. Com o suspense, também presente em outros momentos, Cervantes jogava com os sentimentos dos leitores, que, instigados pela curiosidade, poderiam imprimir ritmo à leitura, para assim conhecer o desfecho da batalha interrompida em seu clímax (SAAVEDRA, 1981, p. 113.) .

O leitor, contudo, pode se negar a aceitar as condições impostas pela ordem do livro; pode vociferar, brigar e repudiar a impertinente interrupção da aventura que acompanhava com ânimo.<sup>13</sup> De fato, o leitor pode subverter a ordem estabelecida, negar-se a aceitar o suspense imposto pelo autor, pular páginas, ignorar as indicações dadas pelo autor, desrespeitar a pontuação etc. Devemos sempre considerar, ainda que por conjectura, a possibilidade conformada pela ampla liberdade com a qual o leitor de carne e osso pode lidar com a “ordem do livro”. Liberdade que, em certa medida, não faltava ao leitor e louco Dom Quixote de la Mancha.

O próprio personagem central da obra de Cervantes era um leitor que subverteu a ordem, embaralhando real e fantasia. Após ter limpado as armas da família, Quijana nomeia-se Dom Quijote de la Mancha, associando seu nome fictício a um lugar, a Mancha, tal como o fez Amadís de Gaula, personagem da novela que Quijana lera. O mundo de Quixote era, na realidade, fruto da criação, da leitura de Quijana. Quixote, por sua vez, era uma mistura de criador e criatura, ou melhor, de leitor e leitura. Afinal, Quijana, de tanto ler e de pouco repousar, tornou-se Dom Quixote de la Mancha, o louco, o cavaleiro sobre seu rocim.

Foi no excesso de leituras que Quijana enlouqueceu e passou a se chamar Dom Quixote. Mas o louco não tomou o lugar do leitor, ao contrário, uma das marcas da insanidade de Quixote é dada pela forma pela qual ele lia o mundo, interpretando-o segundo um código derivado das leituras dos livros de cavalaria.

---

<sup>13</sup> Para Certeau a leitura é uma forma de consumo cultural que não se caracteriza pela passividade. Na prática da leitura, estabelece-se um conflito, uma tensão entre leitor e livro. De um lado, os livros apresentam estratégias que visam impor uma ordem à prática do consumidor/leitor, que, por sua vez, subverte a ordem imposta fazendo uso de suas *táticas* (CERTEAU, 1994, p. 99-100.)

Evidentemente, la própria experiência de lectura realizada por don Quijote revela una particular concepción de lo literário, que no se plantea como un espacio cerrado, acabado, completo, seno con las posibilidades de re-creación a través de las diversas lecturas. (LAMANNA, 2001, p. 124.)

Quixote lia no moinho um gigante; na hospedaria um castelo; na bacia de barbeiro um elmo; nos fatos corriqueiros da vida desvendava uma possibilidade de aventuras. Em verdade, é impossível desvencilhar o leitor Quixote de sua loucura inspirada pelos livros de cavalaria que abundavam em sua biblioteca.

No capítulo em que Pedro Pérez, o Cura, e Mestre Nicolau, o Barbeiro — ambos exerciam a função de leitores esclarecidos, ainda que tivessem a formação intelectual ironizada por Cervantes — promoveram a “inquisição” na biblioteca do fidalgo, é possível discernir que os livros de cavalaria, ao lado dos livros de poesia, ocupavam a maior parte das estantes e, como poeta e cavaleiro, Quixote lança-se às aventuras.

Tratava-se de uma biblioteca respeitável em seu tamanho — “mais de cem volumes, bem encadernados, e outros pequenos” — e de composição essencialmente laica (SAAVEDRA, 1981, p. 46 e 113). Uma biblioteca que era um regalo para Quixote, tanto é que, no episódio da Serra Morena, ele se referiu à quantidade e à qualidade dos livros que possuía embevecido de orgulho.<sup>14</sup>

Quixote era um de “leitor desocupado”, era um fidalgo de relativa condição de vida. Apesar de possuir pouco mais que as armas velhas da família e seu cansado rocim para ostentar, Quixote inflamava-se quando o assunto era cavalaria, tema sobre o qual demonstrava largo conhecimento - um conhecimento adquirido nos dias e noites de leituras de livros de cavalaria. Uma leitura solitária, tal qual a dos leitores de romances, filha, em certa medida, do desenvolvimento da imprensa. (Benjamim, 1971, p. 159.) Ademais, Quixote não foi somente um leitor solitário, mas praticou leituras extensivas e intensivas, ou seja, leu várias obras de forma intensiva: “naquelas leituras se enfrascou, que passava as noites de claro em claro e os dias de escuro em escuro” (SAAVEDRA, 1981, p. 30.).

Quixote não era apenas um bom conhecedor de novelas de cavalaria,

---

<sup>14</sup> Os episódios da Serra Morena oferecem material mais que suficiente para desenvolver uma conexão entre a loucura e o leitor Quixote. Representando o caos, a Serra Morena se contrapõe à ordem das estradas reais que cortavam os reinos espanhóis, tal qual se opõem caos e cosmos. Na Serra Morena Quixote imprime sua ordem insana escrevendo em árvores e na areia sonetos para a amada e seguindo um roteiro esboçado nos livros de cavalaria que lera (VITA, 2001, p. 62).

mas também entendia de trovas, pois assim deveria ser um cavaleiro: intrépido e apaixonado poeta.

— Visto isso, também Vossa Mercê entende de trovas - disse Sancho.

— E mais do que te parece — respondeu Dom Quixote; - vê-lo-ás quando levars à minha Senhora Dulcinéia del Toboso uma carta minha escrita em versos do princípio ao fim, porque hás de saber, Sancho, que todos ou quase todos os cavaleiros andantes soa passados tempos eram grandes trovadores e grandes músicos, que ambas estas habilidades ou graças infusas, por melhor dizer, andam anexas aos namorados andantes, se bem que as coplas dos cavaleiros antigos tinham mais estro que de apuro.

— Leia para adiante Vossa Mercê, que talvez dê com alguma coisa que satisfaça (SAAVEDRA, 1981, p. 130).

Neste trecho, ficam claras as qualidades de Dom Quixote como escritor e também como de leitor. No capítulo do qual este excerto faz parte, Quixote agracia Sancho com a leitura, em voz alta e com “grande desenvoltura”, de uma carta de amores. Ao mesmo tempo, faz-se nítida a falta de conhecimento da linguagem escrita por parte de Sancho Pança. O escudeiro depende da oralização da carta para tomar conhecimento de seu conteúdo.

Na obra, é nítida a dualidade estabelecida entre a oralidade e a escrita, representadas, reciprocamente, por Sancho e Quixote. Para Bakhtin, Dom Quixote, dono de uma figura magra e alta, representava o ideal, o detentor da linguagem escrita, o ser pensante que se norteava pelo conhecimento adquirido em livros. Sancho, por sua vez, era atarracado, de grande ventre e ligado à terra e aos prazeres que dela advinham. Sancho, ao contrário de Quixote, guiava-se pelo conhecimento adquirido pela vivência. Sancho e Quixote compunham, portanto, um par de antinomias complementares (BAKHTIN, 1987, p. 17 e segs.). Antinomias que também ficavam explícitas no conhecimento de um e na ignorância de outro frente à linguagem escrita.

Esta novela se desarrolla en una época en donde la cultura oral no había desaparecido, la cultura impresa aún no cumplía cien años en España y ya comenzaba a transformar la conciencia de las personas, y ninguno de los temas que tratá está exento de representar la tensión entre la oralidad y la escritura. (WATTOLLER, 2001, p. 24.)

A distância, em certa medida paradigmática, que havia entre Sancho e

a linguagem escrita é, em vários momentos, ressaltada por Cervantes. Quando Sancho se depara com a hipótese de se tornar membro da Igreja, logo se apavora, pois, para isso, seria necessário que não fosse casado com Teresa Pança e que soubesse ler.<sup>15</sup> Diante destas condições se lamentava: “Sendo assim, mal de mim, que sou casado, e não sei a primeira letra do á-bê-cê! O que será de mim, se ao meu amo der na veneta de ser arcebispo e não imperador?” (SAAVEDRA, 1981, p. 152.) Porém, quando o leal escudeiro vê diante de si a possibilidade de se tornar governador de uma ilha, sonho tão acalentado, a falta de letras não parece ser um empecilho. Ao conceder a benesse, o Duque de Villahermosa aconselha a Sancho que se vista com os trajes das armas e das letras para desempenhar o cargo de governador, ao que responde o escudeiro: “Letras! [...] poucas tenho, porque até nem sei o á-bê-cê; mas basta-me ter sempre o Christus [nome dado à cruz que precedia o alfabeto nas cartilhas e que era usada pelos analfabetos para assinar documentos] na memória, para ser bom governador [...]”. (SAAVEDRA, 1981, p. 477.) Ainda que contasse com a esperteza e com subterfúgios para lidar com o mundo das letras, era tal o desconhecimento das letras demonstrado por Sancho que, de frente à cadeira que iria ocupar, reparou em uma pintura que não soube decifrar e que, como veio a saber, era seu nome(SAAVEDRA, 1981, p. 488).

Ainda que néscio quanto à escrita, Sancho era arguto e, quando era de seu interesse, não deixava de buscar alternativas para compreender alguma mensagem que encontrava grafada. Como dão a ver os exemplos citados, a oralização do texto escrito era uma das alternativas, ainda que anódina, da qual o escudeiro lançava mão quando considerava necessário. Sancho “lia de ouvidos”.

Em outros momentos da obra, a leitura em voz alta novamente vem à tona. A título de exemplo vale citar o capítulo XXXII, em que Quixote, seu escudeiro, o cura e os demais da comitiva buscavam pouso em uma venda. Após a refeição, o vendeiro revela ao cura o seu gosto pela leitura de livros de cavalaria, gênero do qual possuía “dois ou três livros e outros papéis, que me têm regalado a vida; não só a mim, como a outros muitos”. (SAAVEDRA, 1981, p. 187.) O vendeiro compartilhava o conteúdo de seus livros através da leitura feita em voz alta por algum conhecedor dos códigos escritos: “quando é pelas aceifas, recolhem-se aqui nas sestas muitos segadores, e sempre entre eles há algum que sabia ler; agarra-se num destes livros, pomo-nos à roda dele mais de trinta, e ouvimo-lo com tamanho gosto, que é como lançarmos um

---

<sup>15</sup> Cervantes dá, ao menos, três nomes distintos à esposa de Sancho. Em um primeiro momento, a chama de Joana Guitierrez, depois de Maria Gutierrez e, na segunda parte das aventuras de Dom Quixote, pelo de Tereza Pança.

milheiro de cãs fora”.<sup>16</sup>

Segundo Roger Chartier, desde a Antiguidade, a leitura em voz alta tem, basicamente, dois propósitos. Ler em voz alta pode ser uma forma de colocar um trabalho em circulação, publicá-lo”. Ler em voz alta pode ter, ainda, uma função pedagógica, a de se “demonstrar que se é um bom leitor, lendo em voz alta”. (CHARTIER, 1999, p. 21). Quanto a este aspecto da leitura, a obra Cervantes também permite entrever a “qualidade” de leitor de um vendeiro, da corporação da Santa Irmandade, que, ao declarar a prisão de Quixote, passa a ler um pergaminho “pondo-se a lê-lo com todo vagar”, porque, explica Cervantes, “não era grande ledor”. (SAAVEDRA, 1981, p. 271).

Às funções destacadas poder-se-ia acrescentar, também, a de que para o leitor e para os ouvintes, a leitura em voz alta é uma oportunidade de sociabilização, quando não a única alternativa de contato com a cultura escrita. Vale lembrar que foi este o expediente que buscou Teresa Pança ao receber notícias por escrito de seu marido. Teresa, além de ser de origem simples, era mulher, o que poderia contribuir ainda mais para afastá-la do domínio das letras.<sup>17</sup>

As mulheres, como Teresa Pança, ocupam um papel de destaque na obra de Cervantes. Um são exaltadas por sua formosura, outras ridicularizadas por suas qualidades físicas; umas mulheres belas donzelas, outras descontentes e desonradas. É considerável a variedade das mulheres em Dom Quixote, de modo que, para não nos perdemos diante de tantas facetas do feminino, restringiremos nossa análise a uma leitora de consideráveis conhecimentos, denominada Dorotéia.

Dorotéia foi caracterizada por Cervantes como filha de pais lavradores e cristãos velhos que, apesar de não possuírem títulos de nobreza, eram abastados e, aos poucos, adquiriam fidalguia. Dorotéia empregava parte de seu tempo para administrar o dinheiro adquirido nas colheitas, na moenda de azeite, na produção de vinho, no gado maior e menor, nas colmeias, em resumo, “tudo aquilo que um lavrador opulento [...] deve ter” (SAAVEDRA, 1981, p. 164). No tempo que lhe restava, Dorotéia se dedicava aos ofícios

---

<sup>16</sup> Vale observar que o domínio das letras parecia não estar restrito aos membros da fidalguia. Contudo, há de se considerar que, entre estes últimos, as possibilidades de aprender a ler e escrever era bem maior. (SAAVEDRA, 1981, p.187.)

<sup>17</sup> Trabalhando com o registro de assinaturas na Europa, Chartier constata que em finais do século XVII, na França, cerca de 29% dos homens assinaram e 19% entre as mulheres. Entre 1652 e 1750 houve, em Madri, um retrocesso no índice de alfabetização, conforme observou Chartier. Segundo o autor, o retrocesso foi ainda maior entre os homens (de 68% para 54%) que as mulheres (26% a 22%). De qualquer forma, é significativa a disparidade entre os gêneros. (CHARTIER, 1990, p.115-116.)

típicos das donzelas, como: o trato da agulha, da almofada, da roca e, para esparecer, “recorria ao entretenimento de ler algum ‘livro devoto’ [mais tarde se revelará uma grande leitora de novelas de cavalaria], ou tocar uma harpa”. (SAAVEDRA, 1981, 164 e 180). Através desse personagem, Cervantes pinta um quadro dos afazeres de grandes lavradores e de uma donzela conhecedora dos números e das letras.

Ao exemplo de Dorotéia e de outras donzelas que, em melhor condição financeira, “lêem e escrevem como um mestre-escola”, poder-se-iam contrapor os exemplos de mulheres menos abastadas, como Teresa Pança e sua filha, que desconheciam as letras e viviam sonhando com uma condição melhor de vida.

A obra de Cervantes sugere que a condição social era um fator que influenciava no acesso à cultura escrita, mas não constituía um obstáculo intransponível. Membros menos privilegiados da sociedade tinham o domínio das letras, como o velhaco, Ginés de Pasamonte, que estava a escrever a sua autobiografia. Outro exemplo é Antônio, pastor e músico, que “até sabe ler e escrever”, vangloriava-se um cabreiro seu amigo, como se não fosse próprio da condição de cabreiro saber ler e escrever. Ao que deixa transparecer Cervantes, na Espanha seiscentista parece não ter havido uma barreira capaz de reter o conhecimento das letras exclusivamente nas mãos dos mais privilegiados, ou se havia tal obstáculo ele possuía fissuras, como sugerem os exemplos citados.

No prefácio da segunda parte de sua obra, Cervantes, ao se dirigir ao seu leitor, chamava-lhe de “leitor ilustre, ou plebeu”. O evocativo indica que o livro *Dom Quixote* era dirigido a um público mais amplo que o dos nobres. Em sua obra são variados os tipos de leitores. Cervantes classificava-os não só pelas condições sociais, mas também conforme qualidades mais subjetivas, tais como as de: “melancólicos, risonhos, simples, discretos, graves e prudentes”. (MATOS, 1979, p. 24.) Talvez, na caracterização destes leitores, o autor correlacionasse os tipos de leituras e leitores às emoções que esperava proporcionar ou erradicar: daria aos simples o riso, aos melancólicos um instrumento contra o tédio e agradaria aos graves em sua crítica às novelas de cavalaria.

Entre melancólicos e desocupados leitores que desfilam na obra Cervantes, apenas uma parcela foi contemplada neste estudo. Uma parcela significativa que representava segmentos distintos e duais da sociedade dos reinos espanhóis e que interagiam com a escrita de forma diferenciada. Dentre estes, para fins de exposição, apresentamos alguns esquemas que se ordenam em pares antípodas: homem/mulher, fidalgo/plebeu. Todavia nuançamos estes esquemas, observando que os leitores de *Quixote* não se restringiam apenas aos homens, mas eram compostos também pelas mulheres, como a condessa de

Vilahermossa. A obra também não era dirigida somente à fidalguia, mas pretendia contemplar um universo maior, composto também pela plebe. Uma plebe que podia ter conhecimento das aventuras de Dom Quixote através da oralização da narrativa composta por Cervantes, como sugere o caso do vendeiro que se deliciava com a leitura feita por terceiros dos romances de cavalaria. Neste sentido, destaca-se a tensão entre oralidade e escrita, tão bem-representada nos personagens principais. A Quixote e a Sancho dedicou-se a maioria de nossos apontamentos que revelaram práticas de leitura extensivas e intensivas, e mesmo a que denominamos de “leitura de ouvidos”. Ademais, buscou-se lançar algumas luzes sobre as *estratégias* firmadas por Cervantes, ressaltando nestas a expectativa do autor frente ao horizonte de seus leitores.

Da relação entre a obra e seus leitores de carne e osso, vale lembrar aqueles que, por diligência do autor, tornaram-se leitores/personagens, uma concepção que promove um imbricamento do real com o imaginário. Uma fusão da qual minam as relações que Cervantes manteve com seu tempo. Relações que conferem à obra de Cervantes as cores de uma engenhosa mistura de acontecimentos “artificiosos e verdadeiros”.

### REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio. *Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.
- AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.
- BARTHES, Roland. Histoire ou littérature?. In. *Sur Racine*. Paris: ed. Du Seuil, 1963.
- BENJAMIN, Alter. “Le Narrateur”. In. *Poésie et Révolution*. Paris: Denoel, 1971, p. 159. apud. MATOS, Luiz Fernando Franklin. *O Leitor Quixotesco – o leitor de D. Quixote*.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. Porto Alegre: Abril Cultural, 1972.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Trad. de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BURKE, Peter. “As fronteiras instáveis entre história e ficção”. In. AGUIAR, Flávio et alli (org.). *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o*

- histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997.
- CARVALHO, José Murilo. O historiador às vésperas do terceiro milênio. *Phoenix*, n.3. Rio de Janeiro, 1997.
- CASTRO, Américo. *Cervantes y los casticismos españoles*. Madrid, Alianza/Alfaguara, 1974.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. “As práticas da Escrita”. In. ARIES, Philippe e DUBY, Georges. (org.). *História da Vida Privada*. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. “As revoluções da leitura no ocidente”. In. ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da Leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil: São Paulo: Fapesp, 1999.
- DAIVES, Natalie Zemon. *O retorno de Martim Guerre*. Trad. de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DARNTON, Robert. “A leitura rousseauista e um leitor ‘comum’ do século XVIII”. In. CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O início da História e as lágrimas de Tucídides”. In. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- GINZBURG, Carlo. *A micro-história; e outros ensaios*. Trad. De Antônio Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- GINZBURG, Carlo. Apontar e citar: a verdade da História. *Revista de História*. n.2/3, 1991.
- HARTOG, François. “A arte da narrativa histórica”. In. BOUTIER, J. & JULIA, D. *Passados Recompuestos*. Rio de Janeiro. Ed. da UFRJ/FGV, 1998.
- KAMEM, Henry. *La inquisición española*. Madri: Alianza, 1973, p. 21.)
- LAMANNA, Natalia. “El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha: re-escrita, imposibilidad”. In. PARODI, Alicia. & VILA, Juan Diego (Ed.). *Para leer Quijote*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2001, p. 124.
- LARROSA, Jorge. “Os paradoxos da repetição e a diferença. Notas sobre o comentário de texto a partir de Foucault, Bakhtin e Borges.” In. ABREU,

- Márcia (org.). *Leitura, história e história da Leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil: São Paulo: Fapesp, 1999.
- MATOS, Luiz Fernando Franklin de. *O leitor quixotesco – o leitor de D. Quixote*. São Paulo: FFLCH/USP, 1979. (Tese de Doutorado)
- SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de la Mancha*. Trad. dos Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- VILAR, Pierre. *Crecimiento y desarrollo: economía e história; reflexiones sobre el caso español*. Barcelona: Ariel, 1974.
- VITA, Sergio Fabian. “Las Aventuras y los caninos: apuntes para la cosntrucción de um cabaleiro andante”. In. PARODI, Alicia. & VILA, Juan Diego (Ed.). *Para leer Quijote*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2001, p. 62.
- WAITOLLER, Gustavo. “El caballero, la dama, la idéia y el cuerpo em el Quijote. In. PARODI, Alicia. & VILA, Juan Diego (Ed.). *Para leer Quijote*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2001, p. 24.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989.